

1-10 setembro 1995

O TEOLÓGICO-POLÍTICO NO BRASIL

ANDRÉ CORTEN*

1. O Teológico-Político - a penetração do teológico na esfera do político

Conferência introdutória. O teológico político ocupa um lugar de destaque na literatura do pensamento político. Como analisar de maneira metódica a relação entre teológico e político? Em termos de analogia, de secularização? A análise do discurso integrada na problematização da linguagem política traz uma nova resposta. Nesta parte introdutória, far-se-á crítica da problemática da analogia sistemática de Carl Schmitt; ilustra-se-á como o funcionamento do discurso religioso faz aparecer uma artilação específica entre teológico e político; se acentuará também a importância das pulsões emocionais (religiosas) nas transformações da linguagem política.

2. Agostinho, Espinoza, Schleiermacher, Schmitt, Lefort

Pesquisa a partir de cinco autores de possíveis teorizações. O trabalho terá como ponto de partida as teorizações de Carl Schmitt sobre a analogia sistemática das categorias e da concepção de Claude Lefort sobre o desenredo do teológico e do político necessário para o funcionamento de uma democracia. O trabalho consiste também em procurar em três autores clássicos outra abordagem a partir de uma hipótese sobre o "enunciado originário" como forma protopolítica. Notemos que outros autores poderiam ser escolhidos: Tocqueville, Montesquieu, Benjamin etc.

LEITURAS: SCHMITT Carl, *Political Theology*, Cambridge, Mass, MIT Press, 1985, Capítulo 3.

CORTEN André, «Original Utterances and Political Theology», PH Ideology and Discourse Analysis Seminar, University of Essex, 1994.

3. Cidade Terrestre e Cidade de Deus no Brasil

Percurso das relações entre Igreja e Estado no Império, estabelecimento da Primeira República, O Estado Novo, o regimen militar, a Nova República. O milenarismo aparece como uma contestação violenta da Igreja como cidade de Deus. As "seitas" perpetuam, de maneira secular, esta contestação.

LEITURAS: FRESTON, Paul «Popular Protestants in Brazilian Politics: A Novel Turn in Sect-State Relations», *Social Compass*, 41 (4), 1994: 537-570.

ORO Ari Pedro, «Possem Passar a sacolinha: um Estudo sobre as representação do dinheiro no pentecostalismo autônomo brasileiro atual», BEOZZO, JOSÉ Oscar (Org.), *Curso de Verão*. ano VII, São Paulo, CESEP/ Paulus, 1993: 301-323.

4. Modos discursivos privilegiados

Em sintonia com Schleiermacher pode-se distinguir diferentes tipos de discurso religioso. Distinguimos aqui os textos de tipo "sermonário", os livros de piedade (ou de espiritualidade) e os estudos eruditos. Observa-se aí procedimentos discursivos particulares: uso variável da negação, do *tu* e do *nós*, mas um uso generalizado da citação bíblica. E esta citação em suas formas extremamente diversas que faz funcionar o discurso religioso.

LEITURAS: ALMEIDA, Iván «Trois cas de rapports intra-textuels: la citation, la parabolisation, le commentaire», *Sémiotique et Bible*, N° 15, sept. 1979: 23-42.

PANIER, Louis, «La citation biblique dans le discours didactique. Eléments pour une approche sémiotique», in de SURGY, Paul et al, *Ecriture et pratique chrétienne*, Congrès de l'ACFEB Angers, Paris, Cerf, 1978: 115-160.

5. A glossolalia e a cura divina: atos perlocutórios do pentecostalismo clássico e do pentecostalismo autônomo. Avaliação em termos de transformações políticas.

O pentecostalismo clássico é aquele que nasce no Brasil nos anos de 1910-1911 com a *Assembléia de Deus* em Belém. O pentecostalismo autônomo nasce nos anos de 1970 com a *Igreja Universal do Reino de Deus*. Num o batismo do Espírito Santo com o "falar em linguas" como sinal, noutro a cura divina. Há aí dois atos perlocutórios. Um escapa a toda lógica do "fazer". E necessário acreditar que o outra reintroduz?

LEITURAS: AUSTIN, John L., *How to do things with words*, Oxford, Oxford University Press, 1962, Capítulo 8.

SONNET, Jean-Pierre s.j., *La parole consacrée, Théorie des actes de langage, linguistique de l'énonciation et parole de foi*, Louvain-la-Neuve, 1984: 133-168.

6. Transe e religião popular versus a mística segundo o clero: a questão da "aceitabilidade"

O transe é um comportamento de modalidade discursiva que escapa em parte ao controle do clero. Depende da relação de dependência imediata entre os participantes. E portando, regulado por um ritual coletivo. Fora da doutrina, qual é a diferença de controle entre o candomblé e o pentecostalismo? Trata-se aqui da questão da aceitabilidade. Toda anti-política, tal qual a emoção religiosa popular (para distinguir a religiosidade popular que integra diretamente as formas de mediação), só se torna aceitável negando-se a si mesma. Eis porque surgem cada vez novos movimentos "sectários". (ver a "seita" como anti-político)

LEITURAS: GOMES Wilson, «Cinco teses equivocadas sobre as novas seitas populares», *Cadernos do CEAS*, Nº 139, maio-junho 1992.

SANCHIS, Pierre, «O Repto pentecostal à cultura "católico-brasileira"», ANPOCS, 1992. Versão não final.

ROLIM, Francisco Cartaxo, «Pentecostalismo, catolicismo devocional e afinidades electivas», Capítulo 6 de *Pentecostalismo, Brasil e América latina*, Petrópolis, Editora Vozes, Coleção e Libertação, 1995: 97-117.

* Professor de Ciência Política e Análise de Discurso. Université du Québec à Montréal. Visiting Scholar Columbia University. Autor de *Le pentecôtisme au Brésil, Emotion du pauvre et romantisme théologique*, Paris, Karthala, 1995. Va a ser publicado na Editora Vozes com o título: *Os pobres e o Espírito Santo*.